

FHC garante que correção de rota já foi feita

Dida Sampaio/AE-9/1/98

Para presidente, os efeitos da liberação do câmbio, ocorrida em janeiro, demoram a aparecer na economia

BRASÍLIA — Um dia depois de anunciar o "Avanço Brasil", conjunto de 360 programas em que pretende investir nos seus últimos anos de governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso está convicto de que as mudanças necessárias na condução da política econômica já foram feitas em janeiro, com a liberação do câmbio. "Os efeitos demoram a aparecer", afirmou. "Não é um milagre como pensam os empresários de São Paulo e os governadores do PSDB".

Descontraído, o presidente demonstrou estar revigorado após mais um ciclo de tensões políticas, encerrado na semana passada com a passagem da Marcha dos 100 Mil por Brasília. Otimista, Fernando Henrique aposta na continuidade das reformas estruturais e garante que sua base de sustentação no Congresso está agora sob controle. "Eles já levaram um susto suficiente", disse o presidente, durante conversa com o Estado ontem, no Palácio da Alvorada.

Entre goles de café e pão de queijo, Fernando Henrique Cardoso afirmou que seus aliados políticos tomaram consciência de que o insucesso do seu governo não interessa a ninguém, pois levaria ao enfraquecimento de todos os partidos da coligação. Com essa certeza, ele aposta na aprovação das medidas pendentes da regulamentação da reforma da Previdência — principalmente o projeto que muda o modelo de cálculo da aposentadoria, cujo teor divide a banca-dad governista — e no andamento da reforma tributária ainda este ano.

O presidente reafirmou que o governo não abrirá mão do ajuste fiscal e da manutenção da estabilidade da economia, apesar das pressões — cada vez mais fortes — por uma flexibilização do modelo econômico. "A estabilidade é pedra fundamental", enfatizou Fernando Henrique. Foi uma resposta aos adversários e também aos seus aliados, principalmente as lideranças do PSDB, que vêm cobrando com mais firmeza uma guinada.

A proposta dos governadores da região Nordeste, que estão se organizando para pedir uma revisão nos acordos de rolagem das dívidas dos Estados junto à União, não contará com apoio do presidente. Ele foi enfático ao afirmar que não vai rever os contratos assinados com os Estados. "Não pode", avisou. O presidente defendeu, entretanto, tratamento diferenciado — para a concessão do aval da União para captação de empréstimos externos — para as administrações que vêm executando programas de saneamento de suas finanças, citando como exemplo o governo da Bahia.

Companheiro de partido, o governador de São Paulo, Mário Covas, também conta com o apoio do presidente para seu pleito, em exame pelo Senado Federal, de captação de US\$ 100 milhões junto ao Banco Mundial (Bird), apesar do parecer técnico contrário do Banco Central. "O Covas tem razão", afirmou Fernando Henrique. Segundo ele, o pedido foi apresentado antes do refinanciamento das dívidas estaduais, quando o Senado aplicava uma regra mais flexível ao endividamento estadual.

O presidente foi implacável com a oposição que, na sua opinião, continua apostando "no quanto pior, melhor". Para ele, a falta de propostas objetivas para o País mantém a esquadra brasileira em uma posição "fundamentalista, anacrônica, à espera da revolução". Ele descartou a reabertura do diálogo, alegando que "a oposição não quer". Ele demonstrou tranquilidade ao comentar o calendário de protestos previstos para este semestre. "Todo ano é a mesma coisa", frisou. Fernando Henrique considera que a Marcha dos 100 Mil foi produto de arregimentação política e não a expressão espontânea de eventual insatisfação da sociedade.

Mesmo que a reforma política resulte na redução do número de partidos políticos no País, o presidente acredita que seu sucessor não poderá dispensar o apoio de uma aliança partidária ampla para governar. Essa é a realidade da democracia brasileira, em sua opinião, diante das enormes desigualdades sociais. "A democracia não está consolidada", analisou.

Em uma crítica direta aos seus companheiros do PSDB, que várias vezes defenderam a exclusão de aliados da base de apoio do governo, o presidente disse que ignorar a representatividade de partidos — eleito especificamente o PFL como exemplo — seria uma atitude autoritária e personalista, incompatível com o espírito democrático. "O PFL é o demônio", afirmou, comentando as restrições ao seu mais fiel aliado. "Mas não fui eu quem elegeu o PFL, foi o povo", acrescentou, justificando que respeitar o



O presidente Fernando Henrique Cardoso que um dia depois de anunciar o programa "Avanço Brasil", disse estar convicto de que as mudanças necessárias na condução da política econômica já foram feitas em janeiro: "A oposição é fundamentalista, porque acha que todo o bem da humanidade está nela"

partido é respeitar os seus eleitores. Ele repetiu que apoiará o candidato do PSDB à sucessão em 2002, embora não saiba quem será o escolhido e considere prematura essa discussão. A seguir, a entrevista que o presidente concedeu às jornalistas Silvia Faria, Doca de Oliveira, Tânia Monteiro, Diana Fernandes e Isabel Braga:

Estado — Para viabilizar o desenvolvimento, o País ainda tem desafios estruturais. Qual a estratégia para consolidar a estabilização e reduzir o custo Brasil?

Fernando Henrique Cardoso — Eu sou favorável à reforma tributária, acho que precisa mexer, racionalizar, tirar imposto em cascata, mas não pode usar isso como pretexto para dizer "se não fizer isso não acontece nada". Se fizer, acontece melhor. A reforma é importante, para que aconteça melhor. Mas durante séculos o sistema tributário brasileiro foi essa coisa horrível, era mais distorcido do que é hoje ainda, e o Brasil cresceu. Quero insistir, não estou defendendo não fazer reforma tributária, mas acho que não se pode usar isso como pretexto para dizer 'ah, então não'. Hoje os empresários têm obsessão e quando você pergunta 'qual é a reforma?', o empresário só (diz) 'não'.

Estado — O senhor quer saber qual é a reforma possível ou qual a melhor reforma para o País?

Fernando Henrique — A boa reforma é a que simplifica o sistema tributário, desonera a produção e acaba com o imposto em cascata. Agora, outras questões mais complicadas dizem respeito a Estados, municípios e divisão do bolo, são questões muito mais complicadas. Não sou ingênuo de imaginar que se possa fazer só a primeira parte. É ilusório pensar que o Congresso vai aprovar um texto que a gente ponha no papel tudo que é bom, que eles aprovam. Não vai ser assim. Vai ser uma penosa negociação de pontos de vista e de interesse, mas acho que nunca estaremos tão próximos de poder avançar nisso.

Estado — É factível realizar uma reforma ampla, que reestruture também o ICMS?

Fernando Henrique — É difícil. Mas eu conversei ontem com o governador Covas (Mário). O Estado de São Paulo, com a mudança do ICMS, cobrado na origem, para destino, é um dos mais afetados. Ele disse: vamos perder, precisamos ver como compensa. E ele tem razão. O pressuposto para a reforma tributária funcionar é que ela tem de ser neutra quanto a seus efeitos distributivos entre as esferas da União, Estados e municípios. Ninguém pode ganhar, nem perder. Esse tem que ser o requisito essencial: o efeito é neutro. Portanto não pode diminuir o nível de arrecadação e nem a distribuição do bolo.

Estado — É possível aprovar a reforma tributária ainda neste ano?

Fernando Henrique — É. O governo vai mobilizar sua base de apoio para aprová-la. Eu acho que amadureceu muito a questão da reforma. Vejo uma atitude mais aberta e não importante quanto a reforma tributária, são algumas mudanças do Código Tributário e a mudança na legislação para garantir a quebra do sigilo bancário para fins fiscais porque o sigilo dificulta, por exemplo, se chegar a

Estado — Mas enquanto o governo não precisar financiar esse déficit monstruoso, não tem jeito de reduzir os juros...

Fernando Henrique — Tem jeito sim. A margem de recursos disponíveis é maior do que essa. Nós estamos baixando o compulsório. Se está baixando o compulsório, está sobrando al-

gum dinheiro. Esse dinheiro já podia sair com uma taxa de juros mais razoável. Acho que existe aí uma acumulação financeira excessiva.

Estado — Tanto que o lucro do semestre foi imenso...

Fernando Henrique — Táí, é isso. Mas como a economia não é planejada, não é socialista, digamos, não é o governo quem impõe o juros. Não pode. Tem que haver uma luta interclasses. Os consumidores fizeram isso com a inflação. Não aceitaram a passagem de preços. Os supermercados fizeram isso com os produtos, não vieram pedir ao governo para o governo tabelar. Entenderam a nova dinâmica. Na questão financeira tem de haver a mesma coisa e vai haver.

Estado — Só que o consumidor é a parte mais fraca e não tem como se defender

Fernando Henrique — O interessado não é só o consumidor no sentido final, é o empresário intermediário, que vai precisar vender geladeira, não sei que lá. Se o consumidor não compra, ele não vende. Então o empresário tem que reagir.

Estado — Alguns governadores estão propondo uma união para discutir a renegociação do refinanciamento de suas dívidas...

Fernando Henrique — Isso é eterno. Em toda a história do Brasil as pessoas estão querendo refinanciar. Nós já refinanciamos em condições extremamente favoráveis aos Estados. Então, não pode. Eles querem é outra coisa. O que eles querem é não pagar a dívida. O que eles querem é fazer novas dívidas.

Estado — Mas isso o ajuste impede.

Fernando Henrique — Não pode gastar mais. Por isso, podem até fazer mobilização no Senado, mas eu sou contra. Acho que nesse momento não tem como fazer isso. Agora, se

o Senado aprovar, de qualquer maneira, o governo não é obrigado a seguir. Você toma empréstimo de quem? Você toma empréstimo do BID, do Banco Mundial. Com o aval de quem? É só a União não dar o aval.

Estado — O Banco Central não está estudando formas de premiar os Estados que estão cumprindo suas obrigações fiscais?

Fernando Henrique — Já estou de acordo. Talvez seja o que a Bahia quer. O que não é certo é você, por causa dos maus pagadores, penalizar os bons.

Estado — Mas o Estado de São Paulo está certo ao brigar por novos empréstimos?

Fernando Henrique — Está. E São Paulo tem razão. Porque não só entrou desde 95 com o ajuste, como a dificuldade de capacidade de pagamento de São Paulo deriva do fato de o governo Federal não ter cumprido certos requisitos da negociação, como, por exemplo, a venda do Banespa. Então São Paulo tem razão: ele não pode pagar porque nós não vendemos. Não é culpando o compulsório, está sobrando al-

Estado — O senhor acredita que essa situação vai se reverter daqui pra frente?

Fernando Henrique — O sistema capitalista é sanfona. Aperta e expande. Isso não acabou, no mundo é assim. Os que têm visão catastrófica da história imaginam que quando aperta aí vem a grande crise e muda o sistema. Antigamente esta suposição estava baseada na existência de um outro sistema. Como hoje não há outro, é difícil, não tem alternativa a ser feita. Para o ano que vem as perspectivas são melhores.

Estado — O senhor acha que há espaço para abrir diálogo com a oposição no momento?

Fernando Henrique — O diálogo é sempre bem vindo, só que a oposição permanentemente se recusa. Não adianta. O Lula, primeiro, não veio para uma conversa política, não foi assim. Depois eu vi o Lula dizendo que eu o tinha chamado uma segunda vez e ele recusou. Eu não o chamei. Da segunda vez, não partiu de mim. Chamaram, não tem nenhum problema. Agora, todas as vezes que eu fiz alguma coisa a mais, no discurso de posse, falei da oposição, inclusive ontem. E todas as vezes a resposta é aquela resposta irracional. "Abaixo não sei o que lá, fora não sei o que, governo neoliberal".

Estado — A oposição só critica e não tem proposta para dialogar?

Fernando Henrique — É fraseado e completamente anacrônico. Então com o retrovisor. Não há nenhum País da importância do Brasil que te-

Estado — Mas há quem critique esse relacionamento...

Fernando Henrique — Eu acho que o presidente do Brasil tem que se che-

de de Estado. Não tenho que me relacionar com outro chefe de Estado como se eu fosse apenas chefe de governo, de partido, ou da minha visão político-ideológica. É a quarta vez que ele vem aqui e ele tem uma posição muito favorável ao Brasil. Eu acho positivo isso. As pessoas aqui confundem. Outro dia eu vi: "Ah, foram condecorar o Fujimori". O Fujimori é presidente eleito do Peru e tem com relação ao Brasil uma relação muito positiva e por enquanto ele está fazendo coisas dentro da constituição.

Estado — Mas e a aliança?

Fernando Henrique — A aliança não vai fazer isso. A aliança já levou susto suficiente. Levou o susto suficiente de ver que tem que haver união. Agora acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido. Estava se refletindo na economia e quem ia lucrar era a oposição.

Estado — Mas e a aliança?

Fernando Henrique — A aliança não vai fazer isso. A aliança já levou susto suficiente. Levou o susto suficiente de ver que tem que haver união. Agora acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido. Estava se refletindo na economia e quem ia lucrar era a oposição.

Estado — Então, é falsa a premissa de que o déficit externo é fator inibidor do crescimento?

Fernando Henrique — É claro que é falsa. Você podia dizer isso antes. Com a taxa de câmbio anterior, era verdadeiro. Você tinha que ter capital fluante para poder ter reservas e abastecer o mercado, entregando o dólar pelo valor fixado. Agora, não. Não é falso no outro sentido, da balança comercial. Quando a economia cresce, crescem também as importações. Aí é outra coisa. Porque você sai se endividar sem ter como pagar.

Estado — Então, o problema é exportar para importar?

Fernando Henrique — Convém aumentar o superávit da balança comercial, que aí desafoga para poder importar. Porque, se acelera o crescimento, acelera a importação. Então, precisamos ter como pagar. Daí ser importante o ter um superávit da balança comercial. Vai haver. E por que eu digo que vai haver? Porque teve um aumento quantitativo das exportações. Não tem preço. Tem três fatores que são muito ruins para nós. Um, caiu o preço das commodities, dois, subiu o preço do petróleo, três, a crise na América Latina diminuiu a demanda por produtos manufaturados brasileiros.

Estado — O senhor acredita que essa situação vai se reverter daqui pra frente?

Fernando Henrique — O sistema capitalista é sanfona. Aperta e expande. Isso não acabou, no mundo é assim. Os que têm visão catastrófica da história imaginam que quando aperta aí vem a grande crise e muda o sistema. Antigamente esta suposição estava baseada na existência de um outro sistema. Como hoje não há outro, é difícil, não tem alternativa a ser feita. Para o ano que vem as perspectivas são melhores.

Estado — O senhor acha que há espaço para abrir diálogo com a oposição no momento?

Fernando Henrique — O diálogo é sempre bem vindo, só que a oposição permanentemente se recusa. Não adianta. O Lula, primeiro, não veio para uma conversa política, não foi assim. Depois eu vi o Lula dizendo que eu o tinha chamado uma segunda vez e ele recusou. Eu não o chamei. Da segunda vez, não partiu de mim. Chamaram, não tem nenhum problema. Agora, todas as vezes que eu fiz alguma coisa a mais, no discurso de posse, falei da oposição, inclusive ontem. E todas as vezes a resposta é aquela resposta irracional. "Abaixo não sei o que lá, fora não sei o que, governo neoliberal".

Estado — A oposição só critica e não tem proposta para dialogar?

Fernando Henrique — É fraseado e completamente anacrônico. Então com o retrovisor. Não há nenhum País da importância do Brasil que te-

Estado — Mas há quem critique esse relacionamento...

Fernando Henrique — Eu acho que o presidente do Brasil tem que se che-

de de Estado. Não tenho que me relacionar com outro chefe de Estado como se eu fosse apenas chefe de governo, de partido, ou da minha visão político-ideológica. É a quarta vez que ele vem aqui e ele tem uma posição muito favorável ao Brasil. Eu acho positivo isso. As pessoas aqui confundem. Outro dia eu vi: "Ah, foram condecorar o Fujimori". O Fujimori é presidente eleito do Peru e tem com relação ao Brasil uma relação muito positiva e por enquanto ele está fazendo coisas dentro da constituição.

Estado — Mas e a aliança?

Fernando Henrique — A aliança não vai fazer isso. A aliança já levou susto suficiente. Levou o susto suficiente de ver que tem que haver união. Agora acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido. Estava se refletindo na economia e quem ia lucrar era a oposição.

Estado — Então, é falsa a premissa de que o déficit externo é fator inibidor do crescimento?

Fernando Henrique — É claro que é falsa. Você podia dizer isso antes. Com a taxa de câmbio anterior, era verdadeiro. Você tinha que ter capital fluante para poder ter reservas e abastecer o mercado, entregando o dólar pelo valor fixado. Agora, não. Não é falso no outro sentido, da balança comercial. Quando a economia cresce, crescem também as importações. Aí é outra coisa. Porque você sai se endividar sem ter como pagar.

Estado — Então, o problema é exportar para importar?

Fernando Henrique — Convém aumentar o superávit da balança comercial, que aí desafoga para poder importar. Porque, se acelera o crescimento, acelera a importação. Então, precisamos ter como pagar. Daí ser importante o ter um superávit da balança comercial. Vai haver. E por que eu digo que vai haver? Porque teve um aumento quantitativo das exportações. Não tem preço. Tem três fatores que são muito ruins para nós. Um, caiu o preço das commodities, dois, subiu o preço do petróleo, três, a crise na América Latina diminuiu a demanda por produtos manufaturados brasileiros.

Estado — O senhor acredita que essa situação vai se reverter daqui pra frente?

Fernando Henrique — O sistema capitalista é sanfona. Aperta e expande. Isso não acabou, no mundo é assim. Os que têm visão catastrófica da história imaginam que quando aperta aí vem a grande crise e muda o sistema. Antigamente esta suposição estava baseada na existência de um outro sistema. Como hoje não há outro, é difícil, não tem alternativa a ser feita. Para o ano que vem as perspectivas são melhores.

Estado — O senhor acha que há espaço para abrir diálogo com a oposição no momento?

Fernando Henrique — O diálogo é sempre bem vindo, só que a oposição permanentemente se recusa. Não adianta. O Lula, primeiro, não veio para uma conversa política, não foi assim. Depois eu vi o Lula dizendo que eu o tinha chamado uma segunda vez e ele recusou. Eu não o chamei. Da segunda vez, não partiu de mim. Chamaram, não tem nenhum problema. Agora, todas as vezes que eu fiz alguma coisa a mais, no discurso de posse, falei da oposição, inclusive ontem. E todas as vezes a resposta é aquela resposta irracional. "Abaixo não sei o que lá, fora não sei o que, governo neoliberal".

Estado — Mas e a aliança?

Fernando Henrique — A aliança não vai fazer isso. A aliança já levou susto suficiente. Levou o susto suficiente de ver que tem que haver união. Agora acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido. Estava se refletindo na economia e quem ia lucrar era a oposição.

Estado — Então, é falsa a premissa de que o déficit externo é fator inibidor do crescimento?

Fernando Henrique — É claro que é falsa. Você podia dizer isso antes. Com a taxa de câmbio anterior, era verdadeiro. Você tinha que ter capital fluante para poder ter reservas e abastecer o mercado, entregando o dólar pelo valor fixado. Agora, não. Não é falso no outro sentido, da balança comercial. Quando a economia cresce, crescem também as importações. Aí é outra coisa. Porque você sai se endividar sem ter como pagar.

Estado — Então, o problema é exportar para importar?

Fernando Henrique — Convém aumentar o superávit da balança comercial, que aí desafoga para poder importar. Porque, se acelera o crescimento, acelera a importação. Então, precisamos ter como pagar. Daí ser importante o ter um superávit da balança comercial. Vai haver. E por que eu digo que vai haver? Porque teve um aumento quantitativo das exportações. Não tem preço. Tem três fatores que são muito ruins para nós. Um, caiu o preço das commodities, dois, subiu o preço do petróleo, três, a crise na América Latina diminuiu a demanda por produtos manufaturados brasileiros.

Estado — O senhor acredita que essa situação vai se reverter daqui pra frente?

Fernando Henrique — O sistema capitalista é sanfona. Aperta e expande. Isso não acabou, no mundo é assim. Os que têm visão catastrófica da história imaginam que quando aperta aí vem a grande crise e muda o sistema. Antigamente esta suposição estava baseada na existência de um outro sistema. Como hoje não há outro, é difícil, não tem alternativa a ser feita. Para o ano que vem as perspectivas são melhores.

Estado — O senhor acha que há espaço para abrir diálogo com a oposição no momento?

Fernando Henrique — O diálogo é sempre bem vindo, só que a oposição permanentemente se recusa. Não adianta. O Lula, primeiro, não veio para uma conversa política, não foi assim. Depois eu vi o Lula dizendo que eu o tinha chamado uma segunda vez e ele recusou. Eu não o chamei. Da segunda vez, não partiu de mim. Chamaram, não tem nenhum problema. Agora, todas as vezes que eu fiz alguma coisa a mais, no discurso de posse, falei da oposição, inclusive ontem. E todas as vezes a resposta é aquela resposta irracional. "Abaixo não sei o que lá, fora não sei o que, governo neoliberal".

Estado — A oposição só critica e não tem proposta para dialogar?

Fernando Henrique — É fraseado e completamente anacrônico. Então com o retrovisor. Não há nenhum País da importância do Brasil que te-

Estado — Mas há quem critique esse relacionamento...

Fernando Henrique — Eu acho que o presidente do Brasil tem que se che-

de de Estado. Não tenho que me relacionar com outro chefe de Estado como se eu fosse apenas chefe de governo, de partido, ou da minha visão político-ideológica. É a quarta vez que ele vem aqui e ele tem uma posição muito favorável ao Brasil. Eu acho positivo isso. As pessoas aqui confundem. Outro dia eu vi: "Ah, foram condecorar o Fujimori". O Fujimori é presidente eleito do Peru e tem com relação ao Brasil uma relação muito positiva e por enquanto ele está fazendo coisas dentro da constituição.

Estado — Mas e a aliança?

Fernando Henrique — A aliança não vai fazer isso. A aliança já levou susto suficiente. Levou o susto suficiente de ver que tem que haver união. Agora acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido. Estava se refletindo na economia e quem ia lucrar era a oposição.

Estado — Então, é falsa a premissa de que o déficit externo é fator inibidor do crescimento?

Fernando Henrique — É claro que é falsa. Você podia dizer isso antes. Com a taxa de câmbio anterior, era verdadeiro. Você tinha que ter capital fluante para poder ter reservas e abastecer o mercado, entregando o dólar pelo valor fixado. Agora, não. Não é falso no outro sentido, da balança comercial. Quando a economia cresce, crescem também as importações. Aí é outra coisa. Porque você sai se endividar sem ter como pagar.

Estado — Então, o problema é exportar para importar?

Fernando Henrique — Convém aumentar o superávit da balança comercial, que aí desafoga para poder importar. Porque, se acelera o crescimento, acelera a importação. Então, precisamos ter como pagar. Daí ser importante o ter um superávit da balança comercial. Vai haver. E por que eu digo que vai haver? Porque teve um aumento quantitativo das exportações. Não tem preço. Tem três fatores que são muito ruins para nós. Um, caiu o preço das commodities, dois, subiu o preço do petróleo, três, a crise na América Latina diminuiu a demanda por produtos manufaturados brasileiros.

Estado — O senhor acredita que essa situação vai se reverter daqui pra frente?

Fernando Henrique — O sistema capitalista é sanfona. Aperta e expande. Isso não acabou, no mundo é assim. Os que têm visão catastrófica da história imaginam que quando aperta aí vem a grande crise e muda o sistema. Antigamente esta suposição estava baseada na existência de um outro sistema. Como hoje não há outro, é difícil, não tem alternativa a ser feita. Para o ano que vem as perspectivas são melhores.

Estado — O senhor acha que há espaço para abrir diálogo com a oposição no momento?

Fernando Henrique — O diálogo é sempre bem vindo, só que a oposição permanentemente se recusa. Não adianta. O Lula, primeiro, não veio para uma conversa política, não foi assim. Depois eu vi o Lula dizendo que eu o tinha chamado uma segunda vez e ele recusou. Eu não o chamei. Da segunda vez, não partiu de mim. Chamaram, não tem nenhum problema. Agora, todas as vezes que eu fiz alguma coisa a mais, no discurso de posse, falei da oposição, inclusive ontem. E todas as vezes a resposta é aquela resposta irracional. "Abaixo não sei o que lá, fora não sei o que, governo neoliberal".

“A aliança já levou um susto suficiente, de ver que tem de haver união”

sobre sua relação com os partidos aliados

“Agora, acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido, estava se refletindo na economia e quem ia lucrar era a oposição”

idem

“Quanto mais depressa a Argentina sair do sufoco melhor, a solidariedade tem de ser total”

sobre a situação dos países da América Latina



O presidente, em cenas do discurso do lançamento do Plano Plurianual de Investimentos, na terça-feira: "Não é um milagre como pensam os empresários de São Paulo e os governadores do PSDB"

Estado — Mas e a aliança?

Fernando Henrique — A aliança não vai fazer isso. A aliança já levou susto suficiente. Levou o susto suficiente de ver que tem que haver união. Agora acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido. Estava se refletindo na economia e quem ia lucrar era a oposição.

Estado — Então, é falsa a premissa de que o déficit externo é fator inibidor do crescimento?

Fernando Henrique — É claro que é falsa. Você podia dizer isso antes. Com a taxa de câmbio anterior, era verdadeiro. Você tinha que ter capital fluante para poder ter reservas e abastecer o mercado, entregando o dólar pelo valor fixado. Agora, não. Não é falso no outro sentido, da balança comercial. Quando a economia cresce, crescem também as importações. Aí é outra coisa. Porque você sai se endividar sem ter como pagar.

Estado — Então, o problema é exportar para importar?

Fernando Henrique — Convém aumentar o superávit da balança comercial, que aí desafoga para poder importar. Porque, se acelera o crescimento, acelera a importação. Então, precisamos ter como pagar. Daí ser importante o ter um superávit da balança comercial. Vai haver. E por que eu digo que vai haver? Porque teve um aumento quantitativo das exportações. Não tem preço. Tem três fatores que são muito ruins para nós. Um, caiu o preço das commodities, dois, subiu o preço do petróleo, três, a crise na América Latina diminuiu a demanda por produtos manufaturados brasileiros.

Estado — O senhor acredita que essa situação vai se reverter daqui pra frente?

Fernando Henrique — O sistema capitalista é sanfona. Aperta e expande. Isso não acabou, no mundo é assim. Os que têm visão catastrófica da história imaginam que quando aperta aí vem a grande crise e muda o sistema. Antigamente esta suposição estava baseada na existência de um outro sistema. Como hoje não há outro, é difícil, não tem alternativa a ser feita. Para o ano que vem as perspectivas são melhores.

Estado — O senhor acha que há espaço para abrir diálogo com a oposição no momento?

Fernando Henrique — O diálogo é sempre bem vindo, só que a oposição permanentemente se recusa. Não adianta. O Lula, primeiro, não veio para uma conversa política, não foi assim. Depois eu vi o Lula dizendo que eu o tinha chamado uma segunda vez e ele recusou. Eu não o chamei. Da segunda vez, não partiu de mim. Chamaram, não tem nenhum problema. Agora, todas as vezes que eu fiz alguma coisa a mais, no discurso de posse, falei da oposição, inclusive ontem. E todas as vezes a resposta é aquela resposta irracional. "Abaixo não sei o que lá, fora não sei o que, governo neoliberal".

Estado — A oposição só critica e não tem proposta para dialogar?

Fernando Henrique — É fraseado e completamente anacrônico. Então com o retrovisor. Não há nenhum País da importância do Brasil que te-

Estado — Mas há quem critique esse relacionamento...

Fernando Henrique — Eu acho que o presidente do Brasil tem que se che-

de de Estado. Não tenho que me relacionar com outro chefe de Estado como se eu fosse apenas chefe de governo, de partido, ou da minha visão político-ideológica. É a quarta vez que ele vem aqui e ele tem uma posição muito favorável ao Brasil. Eu acho positivo isso. As pessoas aqui confundem. Outro dia eu vi: "Ah, foram condecorar o Fujimori". O Fujimori é presidente eleito do Peru e tem com relação ao Brasil uma relação muito positiva e por enquanto ele está fazendo coisas dentro da constituição.

Estado — Mas e a aliança?

Fernando Henrique — A aliança não vai fazer isso. A aliança já levou susto suficiente. Levou o susto suficiente de ver que tem que haver união. Agora acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido. Estava se refletindo na economia e quem ia lucrar era a oposição.

Estado — Então, é falsa a premissa de que o déficit externo é fator inibidor do crescimento?

Fernando Henrique — É claro que é falsa. Você podia dizer isso antes. Com a taxa de câmbio anterior, era verdadeiro. Você tinha que ter capital fluante para poder ter reservas e abastecer o mercado, entregando o dólar pelo valor fixado. Agora, não. Não é falso no outro sentido, da balança comercial. Quando a economia cresce, crescem também as importações. Aí é outra coisa. Porque você sai se endividar sem ter como pagar.

Estado — Então, o problema é exportar para importar?

Fernando Henrique — Convém aumentar o superávit da balança comercial, que aí desafoga para poder importar. Porque, se acelera o crescimento, acelera a importação. Então, precisamos ter como pagar. Daí ser importante o ter um superávit da balança comercial. Vai haver. E por que eu digo que vai haver? Porque teve um aumento quantitativo das exportações. Não tem preço. Tem três fatores que são muito ruins para nós. Um, caiu o preço das commodities, dois, subiu o preço do petróleo, três, a crise na América Latina diminuiu a demanda por produtos manufaturados brasileiros.

Estado — O senhor acredita que essa situação vai se reverter daqui pra frente?

Fernando Henrique — O sistema capitalista é sanfona. Aperta e expande. Isso não acabou, no mundo é assim. Os que têm visão catastrófica da história imaginam que quando aperta aí vem a grande crise e muda o sistema. Antigamente esta suposição estava baseada na existência de um outro sistema. Como hoje não há outro, é difícil, não tem alternativa a ser feita. Para o ano que vem as perspectivas são melhores.

Estado — O senhor acha que há espaço para abrir diálogo com a oposição no momento?

Fernando Henrique — O diálogo é sempre bem vindo, só que a oposição permanentemente se recusa. Não adianta. O Lula, primeiro, não veio para uma conversa política, não foi assim. Depois eu vi o Lula dizendo que eu o tinha chamado uma segunda vez e ele recusou. Eu não o chamei. Da segunda vez, não partiu de mim. Chamaram, não tem nenhum problema. Agora, todas as vezes que eu fiz alguma coisa a mais, no discurso de posse, falei da oposição, inclusive ontem. E todas as vezes a resposta é aquela resposta irracional. "Abaixo não sei o que lá, fora não sei o que, governo neoliberal".

“A estabilidade é pedra fundamental”

sobre a condução da política econômica